

A POÉTICA DA MARGEM PULSA A MIRAGEM DE OUTRA CIDADE

Eder Martins¹

Flanar por uma cidade que funciona no ritmo dos negócios e caminhar pelas ruas em deriva sem compromisso com o tempo ditado pelo trabalho, traz sempre um sopro de liberdade aos olhares que, cansados de contemplar, insistem em buscar a cidade nas palavras e imagens que ela não consegue controlar.

Sem a certeza do lugar a chegar, caminhamos num outro ritmo, experimentamos novas percepções, e logo as nossas pupilas começam a dilatar. De repente, os olhos deslizam do brilho envolvente das vitrines para as fendas abertas pela insólita poética visual que rompe as fachadas da cidade.

As ruas já não são mais as mesmas, agora elas nos observam e passam a nos interrogar. Já não podemos mais ignorar o que nas paredes foi riscado e o que nos muros foi pichado, ao contrário, eles nos confrontam e exigem ser decifrados.

Subitamente, descobrimos uma outra cidade construída à margem, repleta de inusitadas palavras e imagens que revelam os sonhos mais íntimos e os protestos mais aguerridos, que denunciam em micromanifestos as nossas profundas mazelas e desejos reprimidos.

Tentar decifrar o que a cidade põe a nos interrogar nem sempre é uma tarefa fácil, pois implica deslocar o cenário das atenções para desvendar o que na rua sobra das aflições. É no inverso do verso que insurge a voz das ruas que, exaustas dos letreiros ordenados, se abrem para os gestos dos poetas inconformados.

Agora, as janelas protestam, os postes falam, as ruas advertem, os muros ironizam e as escadas fazem poesia. Não há mais como escapar! Se esta cidade é o nosso habitat, é no caos que devemos nos lançar para aprender a conversar com a poesia que habita este lugar.

1 Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pesquisador do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo. E-mail: eder.martins@sescsp.org.br.











